

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA**  
**Graduação em Filosofia**

AS FORMAS ARTÍSTICAS FUNDAMENTAIS E O PROBLEMA DO “FIM  
DA ARTE” NOS CURSOS DE ESTÉTICA DE HEGEL

Fernanda Souza dos Santos

OURO PRETO

2017

**FERNANDA SOUZA DOS SANTOS**

**AS FORMAS ARTÍSTICAS FUNDAMENTAIS E O PROBLEMA DO “FIM  
DA ARTE” NOS CURSOS DE ESTÉTICA DE HEGEL**

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Filosofia do Instituto de Filosofia, Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Romero Alves Freitas

OURO PRETO

2017

S719f

Souza dos Santos, Fernanda.

As formas artísticas fundamentais e o problema do fim da arte nos cursos de estética de Hegel [manuscrito] / Fernanda Souza dos Santos. - 2017.

37 p.f.:

Orientador: Prof. Dr. Romero Alves Freitas.

Monografia (Graduação). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Filosofia, Arte e Cultura. Departamento de Filosofia.

1. Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831 . 2. Estética. 3. Arte - Filosofia. I. Alves Freitas, Romero. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 111.852:7

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
CURSO DE BACHARELADO EM FILOSOFIA**

Monografia intitulada "**As Formas Artísticas Fundamentais e o Problema do 'Fim da Arte' nos Cursos de Estética de Hegel**", de autoria de **Fernanda Souza dos Santos**, apresentada em sessão pública e aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

  
Prof. Dr. Romero Alves Freitas - orientador - UFOP

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana da Costa Dias - UFOP

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rachel Cecília de Oliveira Costa - UFOP

Ouro Preto, 18 de Agosto de 2017

Dedico esse trabalho final a minha mãe Luzinete, por sempre me apoiar e me dar forças quando preciso. Ao meu irmão Felipe e meus amigos Angélica, Renato e Vinícius que preenchem o vazio que é a vida. Sou eternamente grata a vocês por estarem sempre comigo, mesmo estando longe. As amigas que caminharam comigo na jornada de Ouro Preto Danily, Jaqueline, Belize e Mayúra, muito obrigada pelo apoio nas aulas. A Nina, Linha, Bia, Tang, Aninha e Mandy que entendem minhas estranhezas. Compartilhar com vocês um pouco da consciência que é a vida é um grande prazer.

## AGRADECIMENTO

Ao meu professor orientador Romero Alves Freitas pela paciência e dedicação à elaboração desse trabalho e por compartilhar sua sabedoria, meu agradecimento.

Aos professores do IFAC que se dedicam diariamente ao aprendizado dos alunos, instigando sempre o pensamento crítico e passando a diante a paixão que é estudar filosofia, muito obrigada pela contribuição em minha formação acadêmica.

Agradeço à UFOP pelo ensino de qualidade e seus funcionários que fizeram possível essa formação ocorrer.

“O que foi, torna a ser. O que é, perde existência. O palpável é nada.  
O nada assume essência.”

Johann Wolfgang von Goethe

## RESUMO

A filosofia de Hegel é um sistema, sendo assim, suas considerações sobre o mundo ao seu redor estão interligadas e montadas logicamente. Uma dessas considerações concentra-se sobre a arte e estética, que são de grande importância para Hegel; através da arte é possível entender as civilizações no decorrer da história, além da arte ter tido um importante papel na formação da consciência. Porém, na modernidade, a arte deixará de exercer seu papel diretamente na formação da consciência, esse será o seu “fim” dentro da filosofia de Hegel. A arte passa a ser objeto de um estudo crítico e de uma criação livre, pois ela deixa de ser uma forma intuitiva de expressão do Absoluto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Hegel, Estética, “Fim da Arte”.



## ABSTRACCT

Hegel's philosophy is a system, so his considerations about the world around him are interconnected and assembled logically. One of these considerations focuses on art and aesthetics, which are of great importance to Hegel; through art, it is possible to understand civilizations in the course of history, and art has played an important role in the formation of consciousness. However, in the modern era, art will cease to play its part directly in the formation of consciousness; this will be its "end" within Hegel's philosophy. Art becomes the object of a critical study and of a free creation, since it ceases to be an intuitive form of expression of the Absolute.

**KEY WORDS:** Hegel, Aesthetics, "End of art".

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	11
1.1	TEMA.....	11
1.2	HIPÓTESE.....	12
1.3	OBJETIVOS.....	12
2.	DESENVOLVIMENTO .....	13
2.1	A FILOSOFIA HEGELIANA .....	13
2.2	A ESTÉTICA HEGELIANA .....	18
2.3	O “FIM DA ARTE” NA ESTÉTICA DE HEGEL .....	24
3.	CONCLUSÃO .....	33
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	36

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 TEMA

A filosofia de Hegel é uma tentativa de explicar todo o universo e como as coisas se dão nele. O sistema filosófico de Hegel abrange questões que incitam o homem desde sempre e a arte era uma dessas questões.

Hegel utiliza a história como guia, ele é um dos primeiros a interpretar o que se passou nas histórias das civilizações e através dela Hegel traça o caminho da apreensão da consciência. O Espírito é um termo principal na filosofia de Hegel e seria por onde temos acesso ao conhecimento do universo e através da história há o progresso da apreensão da consciência.

A arte tem importante papel na apreensão da consciência e na história das civilizações, como poderemos ver. A arte é colocada na esfera mais alta do espírito, juntamente com a religião e a filosofia. Hegel discorre sobre esse caminho do espírito na arte, que pode ser entendido como a busca de uma adequação entre forma e conteúdo.

Essa adequação é uma tentativa do espírito se tornar acessível a nossa contemplação mediante a exposição sensível. A princípio a adequação entre forma e conteúdo será disforme e enigmática, passando para uma perfeita adequação e então chega-se a não precisar mais dessa adequação. A era moderna é aquela que não necessita mais dessa adequação, pois há uma mudança na sociedade e a verdade não mais pode ser apreendida de forma imediata como na arte.

O “fim da arte” é interpretado exatamente nessa mudança da função da arte na sociedade moderna. A arte, seus conteúdos e suas formas não devem ser vistos como algo que acabou, mas como algo que tinha uma significação diferente para as civilizações antigas em comparação a sociedade moderna. A arte nas civilizações antigas tinha um papel incisivo e modelador, ela fazia parte das civilizações como algo que interferia e moldava a vida diária da comunidade.

Na sociedade moderna o homem passa a se enxergar como sujeito efetivo dentro de uma ordem constituída por leis. A imediatez sensível da arte não é suficiente ao homem moderno, ele precisa ir além. A arte, na sociedade moderna, passa a ter a forma como segundo plano, o que vai importar será o conteúdo. A configuração de uma obra de arte vai instigar o juízo, incitar o pensamento e a reflexão.

A arte passa a se desdobrar em seu próprio âmbito, ela passa a fugir da forma sensível e ir ao pensamento. E o ambiente do espírito é o pensamento, então a arte vai se

desdobrar nela mesma, podendo criar conteúdo e formas que lhe convém, evidenciando seu caráter livre e autônomo.

## **1.2 HIPÓTESE**

O chamado “fim da arte”, conceito bastante discutido a partir da estética de Hegel, pode ser entendido como uma ultrapassagem da religião da arte e o surgimento de uma arte livre e reflexiva na sociedade moderna.

## **1.3 OBJETIVOS**

Compreender como a arte se insere na filosofia de Hegel; compreender seu processo e seu caminho nas três diferentes formas de adequação entre conteúdo sensível e conteúdo ideal; a partir daí, analisar o conceito de “fim da arte” e mostrar que ele corresponde a uma mudança da função da arte no mundo da cultura, no momento em que o espírito humano se torna plenamente consciente de si mesmo.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 A FILOSOFIA HEGELIANA

Hegel é um dos principais filósofos da modernidade, sua filosofia contribuiu de maneira crucial para que a história pudesse ser pensada. Uma das maneiras mais fáceis de compreender a filosofia de Hegel é fazer uma comparação com a filosofia kantiana. Kant insere uma ideia que fica marcada na história da filosofia, a ideia que não podemos conhecer a realidade como ela é em si mesma, e a pretensão de Hegel é ir além do que Kant estabeleceu a esse respeito.

Tanto a filosofia de Kant como a de Hegel são idealistas. Isso significa que eles tentam explicar o funcionamento do universo através da razão. A razão é conceitual, abstrata e se manifesta na mente e nos raciocínios. Além de ser absoluta, universal. Coisas são individualizadas, particularizadas, a razão é abstrata e não pode ser individualizada, por uma questão lógica.

A pretensão desses filósofos é explicar o universo de uma maneira coerente, quando se chega a uma razão das coisas ela será capaz de explicar toda a realidade de onde tudo flui, o universo e a si mesma. Sendo assim, a filosofia de Hegel e Kant são um sistema, onde eles explicam de forma concatenada o funcionamento do universo.

Um elemento importante da filosofia de Kant é a divisão entre categorias a priori e categorias a posteriori. As categorias a posteriori resultam da experiência, é preciso se ter a experiência de cor ou odor, por exemplo para apreendê-las. Já as categorias a priori não necessitam da experiência para podermos apreendê-las, elas são inatas. As categorias possibilitam as condições de conhecimento.

Nossas mentes tem uma estrutura pelas quais conseguem perceber o universo, essas estruturas são as categorias a priori. Antes de qualquer experiência, a mente está moldada para perceber o mundo a sua maneira. Sendo assim, perceberíamos apenas a aparência das coisas por utilizarmos o filtro da mente, pois para Kant não é possível alcançar as coisas como são em si.

“[...] Também na parte analítica da Crítica se demonstrará que o espaço e o tempo são apenas formas da intuição sensível, isto é, somente condições da existência das coisas como fenômenos e que, além disso, não possuímos conceitos do entendimento e, portanto, tão-pouco elementos para

o conhecimento das coisas, senão quando nos pode ser dada a intuição correspondente a esses conceitos; daí não poderemos ter conhecimento de nenhum objeto, enquanto coisa em si, mas tão somente como objeto da intuição sensível, ou seja, como fenômeno; de onde deriva, em consequência, a restrição de todo o conhecimento especulativo da razão aos simples objetos da experiência. Todavia, deverá ressaltar-se e ficar bem entendido que devemos, pelo menos, poder pensar esses objetos como coisas em si embora os não possamos conhecer.” (KANT, 2001, BXXVI)

Já para Hegel, o mundo flui dessas categorias, que Hegel nomeia de universais e serão as condições de existir. São os universais puros e universais sensíveis, em relação a categorias a priori e a posteriori, respectivamente. As categorias são condições de conhecimento em Kant, elas são subjetivas; em Hegel são fontes do ser, portanto, objetivas. Esse é o ponto de maior diferença entre as duas filosofias.

Para se entender um pouco mais de uma filosofia idealista tomemos seus pontos de partidas básicos. Há uma diferença entre realidade e aparência. A realidade tem o ser em si, é independente; enquanto que a aparência depende de outro para existir. A aparência nem por isso deixa de ser real, ela apenas depende de outros seres para existir. É como a sombra de uma árvore, que não pode existir sem a árvore.

O real, porém, não existe empiricamente. Ele é independente, porém não tem uma existência empírica, pois as coisas existem individualmente e o real é universal. Mas o universo vai fluir de universais e, segundo Hegel, é possível acessá-los pela razão como veremos mais à frente.

Esses universais dos quais o universo vai fluir são onde está o princípio de todos os seres, é de onde o universo procede e de onde ele se explica. Esses universais são reais e abstratos. Eles são primeiro em um sentido lógico (e não cronológico). É também razão, pensamento, inteligência, mente, mas essa razão, pensamento não existe individualmente no tempo ou espaço por ser universal e abstrato.

Para que se possibilite, em Hegel, a origem e a apreensão de todos os seres deve ser pensada através da dialética. No universo há seres opostos e contraditórios, mas se admitirmos que esses seres vieram do mesmo lugar, teremos que concordar que em algum momento eles se identificaram.

Desse ser uno, universal e eterno surgem novos seres exatamente por existir uma contradição nele mesmo de ser outro e isso gera o movimento, a origem dos seres. Novas realidades podem surgir através desse conflito que existe no Ser.

Existe uma identidade de opostos, o movimento dialético explicará como as realidades podem existir. De acordo com um esquema didático e bastante difundido, a dialética hegeliana é composta de três unidades: Tese, Antítese e Síntese. Na Tese afirma-se algo; na Antítese nega-se esse algo e na Síntese esse algo é conciliado.

A Antítese está implícita na Tese e se explicita quando é exposta nela mesma e só é possível ser explicitada após estar implícita na Tese. Na Síntese ocorre a identificação da oposição entre ambas, que vai fazer com que a oposição entre Tese e Antítese cesse. Essa oposição é cessada até que apareça uma negação da própria Síntese que foi criada e então ela se torna Tese e teremos então novamente Tese, Antítese a Síntese, e assim por diante.

Toda essa cadeia dialética é um processo de explicitação do conceito e de concretização. O processo dialético hegeliano vai do mais abstrato ao mais concreto. O conceito mais abstrato que Hegel vai utilizar como primeiro em sua filosofia será o Ser, por ser a categoria mais ampla, mais abstrata, que carrega implicitamente todas as outras. A antítese de Ser seria o Nada, seu oposto; a síntese, que abrange as duas categorias será o Devir.

Após então o Ser e o Nada, o Devir é a tese. Isso significa que todas as categorias após o Devir o contém explicitamente. O devir nada mais é do que o vir-a-ser, o movimento por onde necessariamente as coisas passam para poder ocorrer, segundo Hegel.

A filosofia de Hegel pode ser dividida em três grandes blocos: Ideia, Natureza e Espírito. Ser, Nada e Devir originam-se da Ideia e derivam as outras Teses, Antíteses e Sínteses que as sucedem e que vão compor o sistema filosófico de Hegel.

Cada um desses três grandes blocos que compõe o sistema vão se dividir em outros três blocos, sempre dialeticamente. Em Ideia temos Ser, onde a Ideia é subjetiva; logo após teremos a Essência onde a Ideia é exteriorizada; a síntese da Ideia é o Conceito. Em cada uma dessas categorias haverá, novamente, a tese, antítese e síntese que vão explicitá-las.

A Ideia Absoluta é a última síntese de Conceito, antes de passarmos a Natureza. Essa síntese é composta de sujeito-objeto, por toda ela começar no sujeito, depois se objetivar. A Ideia Absoluta é a identificação total do sujeito com o objeto, o sujeito vai se reconhecer no objeto e reconhecer o objeto em si. A mente reconhece as coisas do mundo como se fosse ela mesma colocada fora de si e se identificando consigo mesma. Podemos comparar essa Ideia Absoluta com Deus, pois é a definição completa e acabada do universo. É o pensamento do pensamento.

Para Hegel é exatamente a Ideia, ou que ele chama também de Razão, que explica o mundo. Ideia é o primeiro grande bloco do sistema e ela vai desde o Ser, que é a primeira tese, até a Ideia Absoluta, a última síntese. Ela se explica e explica tudo aquilo que a compõe, de forma concatenada. O Ser, ainda, está explícito na Ideia Absoluta e a Ideia Absoluta está implícita no Ser.

A Ideia, ou Razão, é então o universal principal para se explicar o mundo; as categorias de teses, antíteses e sínteses que a compõem são os universais dos quais o mundo fluirá.

A antítese da Ideia será a Natureza. A Natureza não pode ser entendida como desvinculada da Ideia, surgindo do nada, mas como parte dela, porém em outro momento dialético. A Natureza seria a Ideia inteiramente concreta, ilógica, exteriorizada.

A Natureza, assim como a Ideia, será dividida em três partes: mecânica, física e orgânica. A exterioridade está expressa de maneira absoluta na mecânica, através do Tempo, Espaço e Matéria. Na física chega-se a atributos intransferíveis e individuais das coisas. Na Natureza orgânica já se inicia um processo de interioridade, em contraposição a pura objetividade da Natureza. Esse retorno a subjetividade se consolida no homem, que não é pura natureza, mas começo do Espírito.

É importante entender que mesmo quando Hegel fala de Natureza, ele está falando dela na forma de uma forma de categorias, de universais. Quando ele discorre sobre a mecânica, física e orgânica, isso corresponde à natureza que está à nossa volta, mas é de uma forma universal e não de uma forma específica sobre uma ou outra matéria orgânica ou inorgânica.

Os objetos que existem no mundo são uma soma de universais. Para Hegel tudo pode ser conhecido, e aceitar os objetos como uma soma de universais é aceitar que eles fazem parte da mesma realidade do sujeito e que podem ser apreendidos.

A Ideia sendo interioridade absoluta e a Natureza sendo exterioridade absoluta, o Espírito vem para ser a síntese das duas. E o Espírito começa no Homem, pois ele é natureza, tem um corpo no tempo e espaço, mas é espiritual, tem a razão. O Homem é a manifestação da Razão dentro da Natureza.

O Espírito, terceiro e último grande bloco de divisões da filosofia hegeliana, também será dividido em outros três: Espírito Subjetivo, Espírito Objetivo e Espírito Absoluto. O Espírito Subjetivo é interioridade, diz respeito a realidades da psicologia humana como emoção, percepção, desejo, etc.

O Espírito Objetivo é o Espírito exteriorizado e são categorias como a Moral, o Direito, A Política. As instituições do Estado dizem respeito ao Espírito Objetivo. Ao passar do



Espírito Subjetivo ao Objetivo o Espírito se liberta, pois ele se entende como alguém que faz parte de uma comunidade e as leis criadas são uma reflexão em conjunto com sua subjetividade, visando o bem de todos em comum.

O movimento do Espírito, desde o primeiro até o último nível, é em direção a liberdade. O Espírito é um processo de conscientização, de conhecimento de si. A História tem um fator importante no processo desse conhecimento, pois nela está demonstrada nas civilizações o processo desse crescimento de liberdade humana. Cada civilização, suas leis, seus costumes representam um momento do Espírito. A História revela o Espírito, tomando cada vez mais consciência de sua liberdade.

O Espírito Absoluto, por fim, será a fase final da filosofia hegeliana, será a síntese do Espírito Subjetivo e Objetivo. O Espírito Absoluto alcança o nível máximo de liberdade, tornando-se plena consciência de si mesmo.

A consciência humana é a única que pode carregar essa liberdade do Espírito Absoluto; não haverá distinção entre o Espírito e outros seres que compõe a realidade, o Espírito se enxerga em todas as coisas. Para Hegel, o ser humano poderá se tornar consciente do Absoluto através da arte, da religião ou da filosofia.

Passando do Espírito Subjetivo ao Objetivo, a consciência humana toma uma liberdade, a mente humana se torna as leis e as instituições, porém as instituições ainda são objeto, ainda são algo fora de si. O Espírito Absoluto é o Espírito pelo Espírito, supera os limites sujeito-objeto, se torna pura liberdade, autodeterminação, infinidade.

“[...] hoje em dia todo o verdadeiro se tem por inconceituável e só se tem por conceituável a finitude do fenômeno e a contingência temporal, o certo é que precisamente apenas o verdadeiro é pura e simplesmente *conceituável*, pois tem como sua base o conceito absoluto. [...] Em todas as esferas do Espírito Absoluto, o espírito se desobriga dos limites estreitos de sua existência, na medida em que, a partir das relações contingentes de sua mundanidade e do conteúdo finito de seus fins e interesses, se abre para a consideração e execução de seu ser-em-si-e-para-si.” (HEGEL, 2001, p. 107 e 110)

Os três momentos de busca e aproximação do Espírito à plena liberdade serão a arte, a religião e a filosofia. Na arte e na religião haverá alguns limites, mas a filosofia será o único modo de alcançar a liberdade e infinidade do Espírito.

Ao destacarmos a arte e a filosofia como caminhos para se alcançar a liberdade e a infinidade do Espírito, temos em vista a importância da arte dentro do sistema filosófico hegeliano. Posteriormente será explicitado com mais detalhes a revelação do Espírito na arte e como ela se dá através da história. E então no terceiro capítulo será possível entender os limites na esfera da arte e a tese de seu “fim”.

## **2.2 A ESTÉTICA HEGELIANA**

Há uma diferença crucial entre Kant e Hegel em relação às suas considerações sobre o belo. Para Kant, a beleza natural sempre será superior a beleza artística. Kant não fará muita distinção entre os possíveis objetos do belo, seu questionamento será em volta de como é possível o juízo do belo. Como uma representação se dá em nosso entendimento e imaginação. Kant dará atenção sobre a forma do juízo e não sobre seu conteúdo.

O importante do belo para Kant é a finalidade de poder expressar o mesmo sentimento de prazer desinteressado (e, portanto livre) que outra pessoa teria diante um mesmo objeto. É na identificação do mesmo sentimento que pode ser transmitido e sentido por outro que pode haver uma universalidade.

As belas artes devem respeitar o livre jogo da imaginação e do entendimento e deixar pressentir que sua harmonia corresponde à imagem de uma harmonia subjetiva (ou seja, pressuposta) da natureza.

Quem teria a capacidade de fazer uma obra seria o gênio, um artista que tenha um dom natural, um talento que não obedeça a nenhuma regra determinada e não resulte de nenhuma aprendizagem. Sua obra deve ser original e servir de referência a outras. É através do gênio que a natureza (como ideia de razão) vai transmitir suas regras a arte.

O gênio vai harmonizar todas as faculdades da alma: imaginação, entendimento, espírito. Sua força sugerirá uma harmonia suprassensível que engloba a natureza e a liberdade, a beleza e a moralidade. As ideias estéticas, através do gênio, vão se juntar às ideias da razão e a arte se assimilará a liberdade.

O sublime, para Kant, estará na negatividade da natureza e no nosso reconhecimento estético, não conceitual, diante da grandeza ilimitada de seus fenômenos. Diante da admiração dos fenômenos naturais percebemos o quão grande ela pode ser em relação aos homens, porém esse reconhecimento traz junto o entendimento de poder compreender esteticamente a ideia de infinidade que a natureza suscita.

Por fim, a ideia do juízo do gosto do belo e do sublime em Kant nos leva a conclusão que a natureza e a arte não visam fins particulares, sendo assim o homem diante delas tem a possibilidade de liberdade. Mesmo que a arte seja uma experiência subjetiva, ela tem a possibilidade de liberdade e pode ser acessível a todos os homens e é válida universalmente.

Como se vê, para Kant, a razão não terá acesso às coisas em si, ao Absoluto. Diversamente, para Hegel, o espírito se manifesta nas formas e tudo que o espírito expressa pode ser conhecido. Sendo assim, o que é real pode ser acessível à razão e o que é racional pode se concretizar na realidade.

A arte será aparência para Hegel, pois como tudo que existe no mundo concretamente é uma soma de universais, mas a arte é a manifestação concreta concebida pelo Espírito ao decorrer da história das civilizações, pois “sua verdadeira tarefa consiste em levar os mais altos interesses do Espírito a consciência” (HEGEL, 2001, p. 37).

Outra distinção importante na filosofia de Hegel em relação a Kant é que o belo artístico será sempre superior ao da natureza, pois o belo artístico é concebido através do Espírito e tudo que passa pelo Espírito sempre será superior ao natural. A arte não pode ter a finalidade de imitar a natureza, mas precisa procurar satisfazer a alma, o Espírito.

O Espírito Absoluto vai guiar o pensamento e a atividade humana e se desdobra ao longo da história, ele ultrapassa o espírito humano. O Espírito Absoluto tem como objetivo chegar na Verdade e na Liberdade, superando contradições para que sua realização ocorra.

As três esferas finais do Espírito, como foi visto: arte, religião e filosofia. Essas formas finais do Espírito são, dentro da história das civilizações, expressões do Espírito Absoluto em busca da Liberdade, são formas de constituir a consciência.

A arte será uma das principais formas de consciência. A estética de Hegel é focada no belo artístico e como faz parte de seu sistema, é uma filosofia do belo, uma ideia do belo. Para Hegel, as formas de tratamento científico da arte são incompletas; enquanto uma parte delas trata apenas do seu aspecto exterior, outras tratarão apenas das teorias sobre o belo produzindo generalidades que nada tem a ver com as obras de arte.

Uma filosofia sobre o belo deve conciliar as duas coisas, pois reúne a universalidade do conceito com a determinidade da particularidade real. É importante ressaltar, ainda, que a estética de Hegel sempre foi focada na bela arte e não a partir do ponto de vista do gosto e seu fluxo em nossos afetos.

A arte é colocada juntamente com a religião e a filosofia porque Hegel acredita que ela tem importante papel em entender os povos e civilizações, através da arte é possível reconstituir as ideias e crenças desses homens, pois as obras exprimem a vida do Espírito.

O Espírito Absoluto tomará consciência de si através de um processo histórico, vai chegar ao conhecimento de si enquanto Espírito. A arte vai exprimir como o Espírito supera a contradição entre matéria e a forma, entre o sensível e o espiritual. A arte representará de forma concreta e figurada o que se agita na alma humana.

A arte tentará conciliar a Ideia e a representação sensível. Para que se tenha essa conciliação, o conteúdo a ser representado precisa ser claro. De outro modo, se tem uma associação ruim, o conteúdo não se adequa à forma e vice-versa.

O conteúdo e a forma da arte precisam ser concretos, não lhe cabem abstração, pois o abstrato e geral não se manifestam em particularidades e aparências sem destruírem sua própria unidade. Para que algum conteúdo artístico possa ser realizado, é preciso que esse conteúdo seja concreto a fim de indicar o modo de alcançar sua realização exterior e sensível.

O sensível concreto vai exprimir um conteúdo de essência espiritual, que não existe em nossa alma nem em sua forma exterior, porém vai se tornar acessível à intuição e à representação e assim será possível a composição de uma obra de arte. Para Hegel, a obra de arte será uma interrogação, um apelo dirigido às almas e aos espíritos, pois o conteúdo vai buscar uma realização artística que desperte algo em nossa alma e espírito.

A arte tem como função tornar a Ideia acessível a nossa contemplação, tornar acessível de um modo sensível e não na forma de pensamento ou espiritualidade pura em geral. A correspondência entre Ideia e forma da representação sensível vai indicar a qualidade da obra.

Para Hegel, a arte faz um caminho, uma ascensão para a expressão da verdade se assimilando cada vez mais ao conceito do espírito. O conteúdo evolui e se corresponde com uma evolução das representações concretas da arte; a interpretação dessa junção dá ao espírito consciência de si mesmo.

Essa evolução é espiritual e geral, é uma sucessão gradual de representações artísticas que refletem ideias que o homem tem de si próprio, da natureza e do divino. Por outro lado, essa evolução se traduz de um modo direto em existências sensíveis correspondentes as artes particulares, formando uma totalidade.

O belo artístico deve ser composto por uma adequação completa entre a ideia e a forma. A adequação do conteúdo com sua forma não será aleatória e não vai recorrer a beleza artística apenas para enfeitar uma obra; se o conteúdo ainda não for claro, a forma também não será e poderemos encontrar nela representações ideais defeituosas.

Hegel diz que uma forma que vem de uma ideia ainda abstrata terá uma forma exterior, pois a ideia ainda não deu conta de si. Já uma ideia concreta tem em si o seu modo de expressão e determina a sua forma.

O belo será a própria realidade concreta da Ideia e Hegel o demonstra em três momentos na história, sob três formas: a arte simbólica, arte clássica e arte romântica. Em cada uma dessas formas Hegel vai explicitar como em cada época a imaginação dos povos concebeu a Ideia, em como vai se dar a relação entre forma e conteúdo.

A forma e o conteúdo vão buscar um ao outro e enquanto não se reconhecerem, permanecerão estranhos um ao outro. A primeira forma de arte, que será a arte simbólica, terá essa característica de não correspondência. A ideia é indeterminada, abstrata, sem clareza e não se manifesta na sua verdadeira forma. A Ideia ainda está à procura da sua forma, pois nela mesma essa forma ainda não está determinada.

A consequência de não ter ainda uma Ideia determinada é uma forma exterior, inadequada, com excesso de matéria natural e sensível. Não tendo a ideia definida, ela exagera na forma tentando torná-la apropriada. Porém essa tentativa da Ideia não é bem sucedida, a Ideia tenta erguer a forma até si, indefinidamente e só se tem um impacto.

A primeira forma de arte terá uma Ideia abstrata que não se adequa a sua forma material. A Ideia que se tem é de infinito e ela não se adequa à forma, que fica contundida e maltratada.

Para Hegel, a correspondência dessa Ideia com sua forma, o que faz ela ser a primeira forma de arte, é o fato de o conteúdo ainda não estar definido e isso transparecer na forma. Por ter um conteúdo incerto, sem clareza, a forma dessa arte será exagerada, desmedida. Sem a determinação necessária, a Ideia será arbitrária com a matéria exterior e não será capaz de criar uma harmonia em suas configurações.

A correspondência entre a Ideia e a forma depende não só de um elemento, mas dos dois. Se uma forma não se adapta a um conteúdo é porque o próprio conteúdo ainda não é capaz tornar possível essa adequação. A correspondência da Ideia com a forma na arte simbólica só se dará diante uma determinação abstrata.

O exemplo dessa arte na história são as composições da Antiguidade não clássica onde se tem colossos arquitetônicos, estátuas de mil braços, corpos humanos fundidos com figuras animais. Há um esforço de exprimir o infinito, porém a forma sensível não se adapta a essa expressão por ser uma generalização abstrata e puramente sensível.

Essa arte caracteriza-se como simbólica pois o símbolo é uma representação com um significado que não se conecta com a sua representação. Haverá sempre uma diferença entre Ideia e a forma.

Já a segunda forma de arte, a arte clássica, tem uma livre adequação da Ideia com a forma. Hegel vai dizer que nessa forma de arte “O ideal da arte ergue-se em toda a sua

realidade” (HEGEL, 1974, p. 151). A adequação do conteúdo com a forma estará representada nessa forma de arte em sua totalidade.

Mas essa adequação entre conteúdo e forma não pode ser entendida como uma adequação puramente formal, a junção da Ideia com sua representação é que leva essa arte a ser completa. A Ideia toma consciência de si, o figurado deixa de ser natural e o finito toma a consciência da forma.

A figura humana será representada nessa arte e para Hegel o espiritual só pode existir através do homem, o espírito da arte encontra então a sua forma. A arte é humanizada e é somente através desse processo que se pode alcançar o espírito, torná-lo sensível a nós.

A arte que exemplifica essa forma é a arte grega, onde as esculturas se destacam. Ela se diferencia da forma de arte simbólica pois o que se representa nela é a figura humana, é onde o ser humano, no caso os gregos, chega a consciência de que o espírito está nele mesmo, o espírito volta para si mesmo, não lhe é mais exterior.

Na arte clássica, o sensível, o figurado, deixa de ser natural e há uma passagem da ideia de infinidade para a ideia de finitude. Essa ideia de finitude é representada na figura do homem, naquele que passa a ter consciência de sua efemeridade.

Para Hegel, a arte clássica atingiu a máxima perfeição possível em suas produções artísticas por realizar a união de correspondência perfeita entre o sensível e o espiritual. “A arte clássica conseguiu atingir os mais altos cumes” (HEGEL, 1974, p. 152). Essa forma de arte só será superada pela arte romântica por limitações da própria arte em geral.

A arte clássica é vista como arte enquanto tal, Hegel acredita que nenhuma arte vai superar a arte clássica; há um perfeito equilíbrio entre os elementos materiais e espirituais que transparece no modo de civilização dos gregos. A arte clássica une o espírito em sua forma sensível, representando a interioridade absoluta do Espírito em uma forma corporal.

O modo de vida dos gregos é levado em consideração, pois a arte deles é considerada ideal justamente pela forma que os gregos viviam. Os gregos tinham consciência da espiritualidade e isso transparece em suas obras, onde os deuses vivem em espaços comuns com os homens e tem defeitos e qualidades; mostra-se o entendimento grego da finitude quando um deus toma uma figura humana.

Para Hegel a arte grega não conseguirá ir além disso, ela é frágil e sua harmonia entre a matéria e o espírito se degrada, juntamente aos costumes da cidade de Atenas.

O que abre o espaço para a terceira forma de arte, a arte romântica ou cristã, onde se tem um regresso e um progresso. Um regresso pois a arte romântica retorna ao simbolismo,

há uma ruptura entre o conteúdo e a forma novamente. Mas aqui a ideia é liberta, a arte tenta erguer-se a algo maior.

Na arte romântica a espiritualidade, o conteúdo se sobrepõe à forma. Há uma oposição à natureza, ao sensível nessa forma de arte, o espiritual é o único verdadeiro. O conteúdo dessa arte é o próprio Espírito, diferentemente da arte simbólica onde era necessária uma forma colossal para compor o conteúdo, aqui o Espírito basta-se por si só, ele é absoluto.

O homem reconhece sua natureza na arte clássica, toma consciência dela, toma consciência de suas funções dentro de uma comunidade, aperfeiçoa-se. Essa fase é crucial para que o homem passe para a fase romântica e consiga se elevar ao espiritual, onde a natureza é deixada de lado. Quando o homem se reconhece no espírito, ele deixa de ser um animal natural para se afirmar espírito.

A interioridade consciente de si mesma vai ficar evidente nessa forma de arte; a arte extrapola suas manifestações sensíveis e não encontra mais na materialidade o que se pretende. As composições do cristianismo ao reconhecerem Deus como Espírito Absoluto representam dessa mesma forma, como expressão espiritualizada e interiorizada.

Há uma libertação da correspondência entre o conteúdo e a forma, justamente pelo conteúdo não estar ligado a representação sensível. O sensível tem menos importância nessa arte, pois a ideia espiritual se sobrepõe; isso faz com que a arte caminhe livre em seu próprio terreno, o da ideia. Essa arte exprime uma subjetividade, uma sentimentalidade.

Se na primeira fase da arte o espírito não era claro e a forma era desmedida e na arte clássica o espírito tomou consciência de si e encontrou sua forma, na arte romântica o espírito ultrapassa a forma e torna-se para si.

O espírito aparece então como espírito; o saber, o sentimento domina e está livre da representação sensível. O sensível se torna transitório, inessencial; quem dá a significação ao sensível será o espírito.

Essa última forma, por ter uma espiritualidade livre e concreta, apresenta nossas próprias profundidades espirituais, faz com que haja um confronto com nossa própria espiritualidade. A arte mostra seu potencial, que não serve apenas para contemplação sensível, mas para satisfazer nossa interioridade subjetiva, para suscitar em nossa alma o sentimento de liberdade.

Fica claro a progressão, segundo Hegel, do espírito juntamente com a matéria nessas três formas de arte. A arquitetura sendo representada pela forma simbólica, por ser uma forma bruta; a escultura na arte clássica, por utilizar a forma humana; e por fim a arte romântica

com pintura, música e poesia, como uma última progressão a deixar de utilizar algo sensível para representar a arte.

A arquitetura é uma matéria inerte e opaca; escultura é matéria e forma, aparência de vida orgânica; a pintura se dá uma aparência visual em duas dimensões; a música é uma interioridade subjetiva, ligada ao tempo; a poesia é a subjetividade exteriorizada nas palavras.

Essas cinco formas de arte particulares representam a progressão do espírito sobre a matéria. Essa progressão é justamente a falta de correspondência do conteúdo com a forma na arte simbólica, a correspondência na arte clássica e a ultrapassagem do conteúdo sobre a forma na arte romântica.

Hegel não destaca apenas a arte em sua formalidade, apenas em suas composições particulares e materiais, mas a Ideia que gera o conteúdo, para que possa ser possível a representação, é essencial.

Podemos dizer que a consequência final da última forma de arte seria uma espiritualidade exacerbada e isso faz com que a arte passe a se desenrolar em sua própria esfera, ficando muito subjetiva. Deixando de lado a natureza, deixando a materialidade de lado, a arte está fadada ao declínio.

É onde podemos fazer a leitura do “fim da arte” na estética de Hegel. A arte se liberta e o artista pode então trabalhar o conteúdo que lhe convém de acordo com suas habilidades, os artistas podem quebrar convenções existentes no campo da arte, deslocar as formas habituais.

Essa liberdade e subjetividade da arte romântica está ligada com o próprio modo de viver dos homens modernos. A arte vai deixar de exercer sua função na sociedade do modo como exercia na arte simbólica e clássica; ou seja, como forma sensível do elemento teológico e filosófico, do divino e do absoluto. O absoluto se exprime na sensibilidade porque ele ainda não estava totalmente consciente de si mesmo. Na sociedade moderna, quando o espírito humano alcança o absoluto, a arte terá de ter outra função. Os homens modernos passam a buscar expressões diferentes do espírito na arte e essa questão será desenvolvida no terceiro capítulo.

### **2.3 O “FIM DA ARTE” NA ESTÉTICA DE HEGEL**

É importante ressaltar que os interesse principal de Hegel desde os princípios de suas lições era a bela arte e não a arte a partir do seu fluxo em nossos afetos. A palavra “Estética” é o estudo da sensação, aquilo que agrada aos sentidos; seus cursos se intitulam “Cursos de



Estética” apenas porque a palavra “estética” já estava estabelecida como sinônimo de “estudo da beleza”, mas, ao lermos Hegel, é evidente que ele constrói uma filosofia da arte (um estudo do belo como conteúdo da arte) e não uma estética (estudo das sensações da beleza no sujeito).

A beleza da obra de arte é colocada como um produto do espírito humano, assim um objeto artístico não está alheio a humanidade e está sujeito a interpretações dentro de um contexto. Se a beleza tem a natureza do espírito, se é atravessada pela consciência e liberdade que o caracterizam, a beleza contém subjetividade (absoluta) e história.

Hegel discorre sobre uma história da arte juntamente com a cultura e os mundos humanos percebidos nessa história. O conceito de beleza em Hegel está carregado de complexidade por ser ligado a suas diferenças históricas e internas.

Para entender a arte, a filosofia deve ter uma erudição sobre a própria. Segundo Hegel é necessário conhecer obras em suas particularidades e contextos históricos. A cultura histórica sobre a arte está ligada ainda com uma cultura estética, pois só assim é possível reter e comparar adequadamente as obras, que são tão diversas em suas configurações artísticas.

O valor e dignidade de uma obra está no grau de intimidade e unicidade com que a Ideia e figura aparecem fundidas. Para ter sucesso em sua composição é preciso duas demandas básicas. A primeira determina a posição da arte no mundo efetivo, cuja organização mais ampla é a do Estado e das instituições sociais. A segunda provém do espírito, da mentalidade e da cultura da sensibilidade que lhe dão a marca de uma época.

Reiterando a divisão de Hegel das três artes dentro da história da arte: 1) a arte simbólica, 2) arte clássica e 3) arte romântica. Essa divisão deve ser entendida como histórico-filosófica; essas três formas de arte são três formas de arte ideal, onde elas se correspondem com as demandas espirituais do mundo e da cultura e são significativas, evidenciando o interesse da filosofia de Hegel na função histórica da arte.

A arte está entre a natureza e a liberdade; forma e conteúdo caminham juntos e determinam a gradação das formas históricas da arte. Os três estágios principais na formação da liberdade humana correspondem aos três estágios no desenvolvimento histórico da arte: 1) o mundo oriental como reino da espiritualidade natural; 2) o mundo antigo como reino da bela espiritualidade e 3) o mundo moderno como reino da espiritualidade livre.

Esse caminho é histórico, interligado logicamente começando na natureza, passando pela beleza para chegar a liberdade.

Na primeira forma de arte, a liberdade apenas se inicia. A ligação entre um conteúdo natural ainda insuficiente de liberdade se manifesta na religião natural, no panteísmo da natureza e na arte simbólica que surge nesse mundo.

Na arte simbólica há uma “luta” do espírito para sair de sua forma natural; a ideia permanece abstrata e indeterminada a procura de sua figura. A ideia é desmesurada e eleva a matéria natural. A forma permanece inapropriada enquanto o significado permanece enigmático e mistério.

A arte da orientalidade está presa no natural, fazendo com que sua arte exemplar seja a arquitetura, as pirâmides mais precisamente. O espírito egípcio aparece misterioso, fantasioso e enigmático em suas configurações artísticas.

A arte clássica é a central no caminho que Hegel faz, ela está entre as outras duas. O mundo e a arte estão em uma identidade peculiar, onde a essência cultural se adequa aos meios da arte. O mundo grego, em todas as suas configurações, faz obra de arte: a formação é a obra de arte subjetiva, a mitologia é uma obra de arte objetiva e a polis é uma obra de arte política.

As obras de arte transfiguram o natural em uma expressão do espírito. Porém essa expressão ainda não é livre, ela é presa ao mito e aos deuses. Os gregos têm consciência do divino e ele é representado na figura humana, em suas esculturas se encontra a forma ideal do belo. A inadequação entre forma e conteúdo da orientalidade é superada na forma grega, que encontra sua correspondência e adequação entre Ideia e figura.

Tendo a arte grega clássica como ideal, como mundo ideal do aparecer verdadeiro, não seria possível trazê-la ao mundo moderno. Existe uma limitação na arte grega, ela é ideal e adequada em sua forma, mas fica limitada a arte em si mesma. O conteúdo ainda não carrega a liberdade do espírito e não pode ser expresso. As obras são objetivas, não expressam a subjetividade peculiar característica do espírito absoluto.

Além disso, o elogio a arte clássica não deve ser entendido como se Hegel fosse um classicista que considera a arte como coisa do passado, mas sim um elogio a uma sincronia perfeita entre o contexto histórico e sua forma de arte, sua função histórica é avaliada e não apenas a sua beleza formal.

Existe um efeito histórico na beleza clássica, que é transmitida através de seus deuses e heróis, essas figuras orientam a vida da comunidade e dos indivíduos nas organizações da polis; esse efeito histórico não existe mais para os modernos, é algo do passado. Somente por meio da reflexão essa cultura histórica pode ser nossa, e ainda assim em parte. Podemos nos aproximar dessa cultura, trazer para o nosso presente através de uma reflexão e crítica.

Se existe uma função histórica na arte, então o ideal de arte será definido de acordo com a época e a cultura. Hegel não faz uma definição de arte de acordo com uma determinação estética abstrata, mas sim a partir de seu papel na formação do espírito e cultura humanos. A

arte nasce da Ideia, é ela que, em cada momento, lhe dá vitalidade e eficácia; através da Ideia se tem o conteúdo que se junta a forma.

O espírito, na obra de arte grega, é petrificado em suas esculturas. Existe ainda uma ascensão de uma linguagem onde a representação é mais dominante e elevada, uma poesia na tragédia clássica. A subjetividade cresce e fortalece o declínio do mundo antigo.

Hegel equiparou a função histórica da arte com a da religião e da filosofia, pois o desenvolvimento de ambas é determinante na demonstração do verdadeiro; arte, religião e filosofia fazem parte da formação da consciência humana. A unicidade entre Ideia e representação sensível é buscada na arte simbólica, atingida na arte clássica e não se necessita mais dela na arte romântica.

A arte continua a fornecer realidade intuitiva ao verdadeiro, porém historicamente ela se desenvolve de maneira que corresponde as demandas espirituais de sua época e cultura. No mundo da arte oriental e no período clássico grego a arte coincide com a primeira formação da consciência, a consciência sensível.

Para essa consciência, a verdade suprema é o divino, é a verdade religiosa, e a arte intenta representar a verdade divina na figura humana como sendo sua expressão natural, principalmente na arte grega clássica. A modernidade não necessita de uma nova mitologia, mas de uma nova metafísica. Liberdade e autonomia são constituintes fundamentais da arte e não entraram na arte clássica, mas a arte romântica vai permiti-las em seus conteúdos.

A filosofia não se satisfaz com a imediatez intuitiva que constitui a arte, mas a filosofia grega não tem a pretensão de formar a consciência geral. A passagem do espírito na cultura grega para a formação da consciência é de extrema importância, pois no movimento dialético um movimento depende do outro para ocorrer. E só assim será possível chegar na arte romântica.

Na arte romântica ocorre o “fim da arte” entendido como fim da sucessão das formas de arte históricas; inicia-se uma arte livre, onde o sagrado é o humano, a humanidade livre, o ser livre da correspondência entre conteúdo e forma da arte. Para Hegel o que caracteriza a modernidade é a subjetividade livre, uma consciência da liberdade universal, que precisa ser internalizada e configurada no mundo.

O cristianismo dá um valor espiritual a arte como satisfação espiritual suprema, mesmo o seu monoteísmo e sua concepção espiritual sendo irrepresentável em sua adequação. A arte enquanto arte cristã carrega grande eficácia histórica, porém não tanto substancial pela religião estar acima da arte.

Mas as imagens da arte romântica ilustram a consciência religiosa da época, imagens que animaram profundamente a devoção de seu povo. A mudança na consciência geral acontece com a mentalidade moderna, onde o espírito não poderá mais ser apreendido como arte.

Há um rompimento com a consciência religiosa, esse rompimento é gradual, mas é um processo sem retorno. A era moderna vai buscar a verdade na razão e nos conhecimentos objetivos, cada vez mais centrados no ser humano, em um mundo governado pelo homem, onde seu maior êxito é a organização do Estado.

A arte e a religião ainda farão parte da cultura nessa formação de consciência, porém nenhuma delas determina substancialmente nossa forma de pensar e nos orientar na prática. Na modernidade a arte tem um papel parcial, não é mais unificador. A função histórica da arte na cultura moderna é uma formação da humanidade. A modernidade não vê mais o divino como sagrado, mas o humano.

“Em todas essas relações a arte é e permanecerá para nós, do ponto de vista de sua destinação suprema, algo do passado.” (HEGEL, 2001, p. 35). A arte como assunto do passado, em Hegel, deve ser entendida como essa mudança no papel da arte dentro da realidade efetiva que forma a consciência geral. A arte do passado é a arte como religião da arte, a arte que funda a missão política e a consciência do estado, a arte que determina substancialmente os conteúdos dos interesses espirituais que mais estimamos.

Colocando o homem como centro de apreensão da consciência, a arte se abre para todos os conteúdos que inquietam e pulsam o ânimo humano.

“A arte deve efetivar em nós aquele antigo enunciado: “Sou um homem: e nada do que é humano eu considero alheio a minha natureza”. – Sua finalidade é assim expressa: despertar e avivar as impressões, as inclinações e paixões adormecidas; preencher o coração; permitir que os homens possam sentir tudo o que o humano possa ter[...]”. (HEGEL, 2001, p. 66)

Hegel evidencia em seus trabalhos a arte da espiritualidade natural, seguida pela espiritualidade bela e por fim pela espiritualidade livre; ou a espiritualidade fora de si, em si e para si no movimento dialético. A arte não chega ao fim propriamente dito, mas inicia-se uma nova maneira de arte, a arte torna-se livre.

A medida, em qualquer arte dentro da história, é sua relação entre forma e conteúdo. A arte romântica supera a não correspondência da arte simbólica assim como a perfeita

harmonia da arte clássica. Isso acontece porque a arte romântica transforma a relação entre forma e conteúdo, a arte ultrapassa a si mesma, a representação sensível fica em segundo plano, ela não precisa mais ser conciliada com o conteúdo.

Essa transformação na correspondência entre forma e conteúdo é decisiva, sem volta. A arte passa a ter um espírito livre, se tem uma espiritualização da arte.

O espírito encontra em si mesmo o conteúdo que precisa exprimir, ele escapa a arte e se volta ao pensamento. O espiritual possui em si mesmo sua realidade, por ser em si mesmo. Essa é uma característica do mundo moderno, pois diferentemente do mundo antigo, a subjetividade está em primeiro plano. O interior, o subjetivo está dominado como conceito na arte romântica, onde na arte clássica estava dominado como representação.

A modernidade não se contenta mais apenas com representações artísticas pois surgem questões que não podem ser descritas como belas. O pensamento toma o lugar da beleza.

“Ultrapassamos o estágio no qual se podia venerar e adorar obras de arte como divinas. A impressão que elas provocam é de natureza reflexiva e o que suscitam em nós necessita ainda de uma pedra de toque superior e de uma forma de comprovação diferente. O pensamento e a reflexão sobrepõem a bela arte.” (HEGEL, 2001, p. 34)

O princípio romântico é da liberdade do espírito, que se torna interioridade absoluta; assim o homem entra em si mesmo. O humano é colocado como centro e constitui o conteúdo único da arte.

O interior sendo a fonte de representações seria o equivalente a ter figuras artísticas que representassem a “beleza espiritual”. Da arte clássica antiga para a arte romântica se passa do “belo corpo” para a “bela alma”. As representações não necessitam então de um material exterior-sensível.

A subjetividade aparece, o sujeito efetivo, concreto, singular, particular aparece como existência do absoluto. O percurso de interioridade liberta a arte de todo conteúdo que a limita, tornando-se livre ela pode representar qualquer conteúdo, pois o mundo se abre a possibilidades. Autonomia se torna característica da arte e isso abre caminhos para um olhar crítico da mesma.

Com uma intimidade subjetiva, a exterioridade passa a ser indiferente. O exterior se expressa como algo que não satisfaz. A forma não condiciona o artista, mas o contrário. A

arte se liberta na sua forma, por ter conteúdos que vão além dela e podem até mesmo “aparecer como algo não belo”.

A interioridade absoluta e o fenômeno exterior se separam, se afastam, se tornam contrapontos. Dá-se aqui a inadequação da ideia com a forma, evidenciando a intimidade que aparece no exterior. Há uma dissolução do objeto.

A arte romântica pode ser comparada à simbólica no sentido de fazer uma arte também simbólica e metafórica, porém a arte romântica terá um nível mais elevado. O significado e a figura se separam, porém a subjetividade do artista é criada de modo livre a ordem estranha. Na arte romântica se tem a consciência daquilo que se está representando, se tem a liberdade de criar algo que pode não ser belo.

O elemento enigmático se torna essencial, o que provoca a decifração, ou seja, reflexão e pensamento. O fio ético permanece velado, oculto, codificado. O gosto também é violado; há feiura, trivialidade, desarmonia. O enigmático incita a reflexão e o saber, as obras necessitam de interpretação.

A espiritualização da arte também se mostra em sua materialidade. Indo do homem de pedra à linguagem. Da arquitetura monumental à imagem poética. Para Hegel, a arte romântica também tem três estágios: a pintura, a música e a poesia. Onde a poesia se mostra a arte mais espiritual e universal, por criar uma imagem-linguagem.

A poesia é uma arte “que pode configurar e expressar cada conteúdo, que de modo geral é capaz de penetrar na fantasia, em cada forma, uma vez que seu material mais próprio permanece a fantasia mesma” (HEGEL, 2001, p. 232).

Há um conceito na filosofia de Hegel que é fundamental, “Bildung”, esse conceito é o princípio que move e constitui o espírito. Ele implica tanto educação quanto formação e suporta cultura também nas traduções. A história é quem forma o espírito, ao mesmo tempo a Bildung permite o espírito ser livre e absoluto.

Para Hegel, o conceito de “formelle Bildung” permite o uso do pensamento livre e para o ethos na condução da vida; sendo a formação aquilo que se incorpora na maneira de viver. Deste modo, Hegel pretende dizer que o papel da arte deve fazer uma diferença substancial na formação do ser humano, aplicar diretamente um efeito que seria a criação de leis e ordem das coisas, que é o modo como o mundo moderno se entende.

“A cultura [Bildung] da reflexão, própria da nossa vida contemporânea, faz com que nossa carência esteja, ao mesmo tempo, em manter pontos de vista universais e em regular o particular segundo eles, seja

no que se refere à vontade seja no que se refere ao juízo, de tal modo que para nós, as Formas, leis, deveres, direitos e máximas, enquanto universais, devem valer como razões de determinação e ser o principal governante.” (HEGEL, 2001, p. 35)

O contexto histórico da modernidade não é aquele do mundo heroico onde tudo é fundador, na modernidade o Estado burguês é governado por uma organização abstrata, regulamentada para a concorrência das instituições e grupos de interesse. Hegel continua:

“Mas para o interesse artístico bem como para a produção de obras de arte exige-se antes, em termos gerais, uma vitalidade, na qual a universalidade não está presente como norma e máxima; pelo contrário, age em uníssono com o ânimo e o sentimento. É o mesmo que ocorre com a fantasia, que contém o universal e o racional unidos com um fenômeno concreto sensível. Por esta razão o estado de coisas da nossa época não é favorável a arte.” (HEGEL, 2001, p.35)

As condições modernas não deixam espaço para a imediatez intuitiva da arte se colocar como formação de consciência. A recepção da arte na modernidade já vem como uma subjetividade formada, já se cria um juízo sobre as obras, há uma consideração em relação a adequação ou inadequação das obras.

Aqui a crítica de Hegel é em relação a política cultural da época. Para Hegel a arte faz parte da política cultural do Estado, para fornecer prazer, reflexão e crítica dos cidadãos. O Estado deve cuidar da liberdade de seus cidadãos e fornecer uma arte livre é parte disso, assim como fornecer espaços para que ela possa ocorrer, como museus, teatros, salas de ópera, assim por diante. O Estado não deve interferir nos programas e determinação de seus conteúdos. O Estado, na modernidade, deve propiciar o *formelle Bildung* para a arte contribuir com a construção humana.

A arte consegue juntar, unir, reconhecer e para Hegel, sagrado é o que une homem com o homem. A arte exerce esse papel dentro da sociedade moderna. Artistas fizeram presente obras de arte passadas e assim o público pôde reconhecer essa arte como seu.

Ao mesmo tempo o artista se assemelha a um mestre de cerimônias da contingência e do arbítrio, devido ao dilaceramento entre intimidade livre e a forma exterior. A arte se dilui e se representa em sua própria dissolução. O que o artista traz de obras passadas é de acordo com o que a atualidade necessita, para fomentar a formação, cultura, educação.

As obras de arte podem perder seu caráter de obra de arte, a tudo pode ser dado um significado de obra. A arte representa seu caráter fragmentário, exprime sua dissolução em suas obras, a falta de sentido se torna pauta da arte.

A autonomia continua sendo característica da arte, a *formelle Bildung* dá a arte a possibilidade de ser livre. Hegel evidencia a tensão interna que passa a existir dentro da esfera artística com sua oscilação entre abstração e concretude, sua ambiguidade, seu contrapontismo.

A arte se manterá em seu âmbito: cultivar o humano. As obras nos trazem ao presente, faz em sentir que somos do presente e ao mesmo tempo nos faz em refletir e sermos críticos. A arte pode, na concepção de Hegel, dar início a uma nova cultura da liberdade, uma educação estética para formação da liberdade.

A arte ganha tanto conceito se mostrando como arte e somente arte, que ela mesma instiga a consciência do público receptor a ir além dela para apreender o verdadeiro; “Se ultrapassando a si própria, mas no interior de seu próprio âmbito e na própria Forma artística” (HEGEL, 2001, p. 96), juntando o prazer, a reflexão e a crítica diante as obras.



### 3. CONCLUSÃO

A tese do “fim da arte” em Hegel foi atribuída a seu trabalho posteriormente, Hegel não decretou um “fim da arte” ou das formas de arte. Essa tese pode gerar algumas más interpretações, gerando conclusões imediatistas e errôneas sobre o que Hegel realmente quis lecionar em seus Cursos de Estética.

Vimos que o interesse maior de Hegel foi apreender e entender a formação da consciência humana, a formação do espírito e como o espírito se desenvolveu até que chegasse a modernidade. A arte tem papel importante nessa formação da consciência, do Espírito. Ela está no último estágio de apreensão do Espírito, sendo assim uma das formas mais concretas de apreendê-lo.

Em sua aprendizagem dialética do espírito, Hegel nos forneceu uma maneira inovadora de pensar o homem e a história, seu trabalho proporcionou pensar além do seu tempo e inspirou reflexões contemporâneas, focando no homem, separando a religião da arte e evidenciando que a filosofia precisa entender a arte em sua individualidade e diversidade de obras sem cair numa estetização do pensamento.

A dissociação da modernidade com a religião foi um processo lento, mas sem retorno. A igreja não mais controla as comunidades; a história muda e sociedade e Estado caracterizam a modernidade e não mais comunidade e povo. Religião e a arte ainda fazem parte da configuração da sociedade, porém não fornecem mais substancialmente o primado formação ética.

O homem moderno se enxerga como homem dentro da sociedade, homem que constitui o Estado e suas leis. A arte terá então uma função formal na constituição humana, ela será um objeto de gestão cultural; a relação com a arte será objetiva e constitucional.

A arte como coisa do passado clarifica a relação da arte com a sociedade moderna, já não “caímos de joelhos” diante das obras de arte. (HEGEL, 2001, p. 118.). Não se tem mais essa adoração pelas obras, pois a modernidade se volta ao pensamento, a reflexão. Os gregos viam a arte como religião, para a modernidade ela se tornou ciência e filosofia; antes eram construídos templos, os modernos passaram a construir museus.

A arte não sendo mais a expressão imediata das verdades centrais da cultura necessita de uma aproximação com o homem, é preciso de um cultivo do juízo receptivo juntamente com a história, a teoria e a crítica da arte.

Dessa forma vimos que a arte ultrapassa a si mesma, transformando sua relação entre forma e conteúdo; a característica de liberdade que a arte ganha ocorre em seu próprio

âmbito e ela se desenvolve em si mesma. A autonomia, característica da modernidade, se torna presente no modo de configuração das obras.

A arte ainda se faz presente na sociedade moderna, porém de um modo a evidenciar o humano, onde na modernidade o ideal é a autonomia. A arte deve apelar para o receptor para motivá-lo a voltar a consciência de sua autonomia. A obra de arte vai apelar ao lado humano, vai ser uma importante ferramenta dentro da sociedade para a formação da cultura, para instigar e formar juízos.

Muitos autores depois de Hegel vão refletir sobre sua teoria da arte, que chega até mesmo a contemporaneidade. De maneira não explícita, os autores que farão menção ao tema do “fim da arte” são Marx, Nietzsche, Lukács e Walter Benjamin. Já outros autores que utilizam dos *Cursos de Estética* de maneira explícita são Heidegger, Theodor Adorno e Arthur Danto. Há bastante diversidade no tratamento que esses autores fazem da tese hegeliana.

Arthur Danto, por exemplo, vai analisar as obras de arte contemporâneas de perto. Danto parte de uma teoria de um historiador alemão chamado Hans Belting, onde a tese principal é de que antes de 1400 não havia arte como a conhecemos hoje, os artistas não tinham consciência de que estavam produzindo o que entendemos hoje como arte.

Sendo assim, para Danto, se foi possível fazer “arte” antes da *arte*, é possível fazer “arte” depois da *arte*. Danto vai falar de uma “arte pós-histórica”, onde a arte passa a acontecer sem uma narrativa histórica, não depende mais dela intrinsecamente. História e arte se relacionaram durante muito tempo, mas quando concerne a arte contemporânea, elas vão em diferentes direções. Esse esgotamento histórico vem de um processo da própria atividade artística.

Danto vai falar sobre o tema e focar nas próprias obras de arte contemporâneas, que mostram o desenrolar do “fim da arte”. Um de seus objetos de estudo serão as obras de Andy Warhol, que reproduz em imagens do cotidiano comum e as colocam como obras em um museu, fazendo surgir a questão se é possível distinguir entre objetos comuns e obras de arte que imitam um objeto comum.

Essa transformação de um objeto em obra de arte só é possível através do artista e sua desconstrução. Esse processo só é possível através de uma reflexão do próprio artista sobre a obra, mostrando que as obras de arte contemporâneas ganham um teor não só artístico, mas também filosófico, conceitual.

A discussão sobre o tema do “fim da arte” se mostra assim de muita importância para a filosofia da arte, sendo discutida desde após a morte de Hegel até o momento atual. Além

de o tema sempre se mostrar atual e diverso, lançando novas teorias sobre acontecimentos específicos da época em que foi feita sua apropriação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE, Rodrigo. O tema do fim da arte na estética contemporânea. In: PESSOA, Fernando (Org.). Arte no Pensamento – Seminários Internacionais Museu Vale do Rio Doce, 2006.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Fausto. Versão para eBook. Trad. Antônio Feliciano de Castilho. eBooksBrasil, 2003.

HEGEL, George William Friedrich. Capítulo IV Plano Geral da Estética. In: Estética. A Ideia e o Ideal. São Paulo: Abril Cultural, Coleção Os Pensadores, 1974. Páginas 145-155.

\_\_\_\_\_. Cursos de Estética. Volume I. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: EdUSP, 2001.

\_\_\_\_\_. Cursos de Estética. Volume II. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: EdUSP, 2000.

\_\_\_\_\_. Cursos de Estética. Volume III. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: EdUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. Cursos de Estética. Volume IV. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: EdUSP, 2004.

HERNÁNDEZ, Javier Domínguez. Arte como formelle Bildung: a estética de Hegel e o mundo moderno. In: GALÉ, Pedro Fernandes WERLE, Marco Aurélio. Arte e Filosofia no Idealismo Alemão. Trad. Pedro Fernandes Galé. São Paulo, Barcarolla, 2009. Páginas 77-104.

JIMENEZ, Marc. Capítulo IV: Do Criticismo ao Romantismo. In: JIMENEZ, Marc. O que é estética? Trad. Fulvia M. L. Moretto. Editora UNISINOS, São Leopoldo, 1999. Capítulo IV, p. 117-182.

KANT, Immanuel. Prefácio da Segunda Edição (1787). In: KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. 5ª Edição. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Edição da Fundação Calouste Gulbekian, 2001. Páginas B VII – B XLIV.

NÓBREGA, Francisco Pereira. Compreender Hegel. 6ª edição. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2011.

VIEWEG, Klaus. A arte moderna como superação da orientalidade e do classicismo – Hegel e o “fim da arte”. In: GALÉ, Pedro Fernandes WERLE, Marco Aurélio. Arte e Filosofia no Idealismo Alemão. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo, Barcarolla, 2009. Páginas 151-174.